

A Patria e as guerras

Ha coisas que fazem a gente pasmar! Tal é, por exemplo, o patriotismo irritante e morbido que anda por aí fazendo inúmeras vítimas. E' ele peior do que todas as pestes, que todas as calamidades.

E sabem porque? E' muito facil a explicação.

As epidemias, os desastres ferroviarios, os naufragios de embarcações, os destroços produzidos por tremores de terras, os prejuizos determinados por devastações dos ciclones, enfim todas hecatombes reunidas, somadas, ainda não podem ser equiparadas ás calamidades resultantes das guerras que o patriotismo sóe provocar a pretexto de um mal entendido amor que não é sião o odio, e de um falso sentimento, que não é sião hipocrisia.

As epidemias fazem, ás vezes, numerosas vítimas, assolam os povos e devastam cidades, mas cedem sempre que a hygiene lhes vem ao encontro; os desastres ferroviarios, os naufragios e tremores de terra nos euehem de panico indescriptivel, mas são acontecimentos acidentaes, — ao passo que na sociedade organizada sob o regimen de Estado, em que o patriotismo merece culto insensato, vemos sempre milhares de vítimas diariamente sacrificadas ás ambições dos potentados, senhores das fabricas, das minas, dos campos, que vivem parasitariamente, garantidos pela lei, a roubar o suor do sangue e as preciosas vidas dos produtores da riqueza colectiva.

E' certo que os grandes cataclismos geológicos, como os de Monte Líone e Martinica, nos costumam euehendo espantados, mas suas fúrias destruidoras de vidas. São fatalidades inesperadas que fêrem os sentimentos da colectividade humana que nessas occasiões sempre mostra a sua solidariedade no sentido de aliviar a dôr e remediarem desgraças dos sobreviventes.

Mas, si essas hecatombes, si esses desastres determinados por leis naturais empolgam os homens de dinheiro, se as supremas autoridades politicas e religiosas do mundo se abalaam diante de tais scenas e põem em foco a sua deslavada solidariedade abrindo a bolsa e promovendo subscripções em favor dos seus semelhantes feridos pela desgraça — porque então, depois de se mostrarem tão compassivos, tão sentimentais, tão humanos, fecham as suas bolsas e os seus corações, continuando a exercer o papel de verdugos, indifferentes aos clamores das victimas da organização social, da qual se dizem legitimos representantes?

Interessante! Lançam os desastres das leis naturais que põem os privilegiados nas mesmas condições dos plebeus, mas, sempre, incessantemente vivem a fomentar o odio entre os homens e a imaginar batidas sangrentas, em que os seus soldados morram o matem nos milhares em nome da patria e a bom dos seus interesses politicos e economicos!

E haverá coisa mais terrivel, mais funesta do que as guerras? Não, nem é possível.

Entretanto a guerra existe instigada pelo patriotismo, quer sob as enizas de um mal apagado e antigo fogo, que já produziu chama e é constantemente alimentado pelo odio surdo, mesquinho e condenavel, que em

linguagem patriótica tem o nome de amor sagrado; quer no pleno campo de operações bélicas onde se sacrificam inúmeras vítimas a esse Moloch terrivel, assombroso, insaciavel de sangue e de vidas — que se chama PATRIA.

Mas, que fazer? A PATRIA exige de nós esse sacrificio, dizem os homens educados nas escolas organizadas e mautidas pelo Estado. E' que Deus nos ordene o respeito á patria.

Assim, pois, a guerra se verifica por toda a parte e a paz será um desejo irrealizavel, impossivel, enquanto a PATRIA esse sentimento monstruoso, essa ficção terrivelmente assombrosa não for banida dos corações humanos.

E' ela que prepara os homens para a luta de morte. E' ela que leva soldados ao campo de batalha sob o comando de assassinos agaloados.

E' ela que reduz á escravidão os trabalhadores das fabricas, dos campos agricolas e das minas, garantindo os privilegios e protegendo as vergonhosas especulações das classes parasitarias.

E si ela é causadora de todos esses males, porque não devemos combate-la? Porque não devemos prescrever-lhe dos corações humanos?

Mas isso como, de que maneira? Creando escolas racionais que se antepõem a esses perversos ensinamentos, promovendo forte e enérgica propaganda emancipadora das consciencias, quer pela palavra, quer pela imprensa.

JOÃO PENTEADO.

O Estado e a Sociedade

PARA O DR. JUSTO SEABRA

Um dos erros fundamentais do socialismo de Estado é o de confundir este com a Sociedade, chegando até a crer em sua ridicula obsessão estatista, que a Sociedade, tem leis diferentes á natureza do homem, quando pelo contrario, a sociedade não é senão a resultante dessa mesma natureza.

Assim como no imenso laboratorio da vida as forças naturais, o calor, a luz, a electricidade dão forma, alimentam e harmonizam os corpos, assim também, as idéas, os conhecimentos, as forças moraes, formam a sociedade, reflexo do espirito humano em toda a sua plenitude.

A sociedade é uma entidade real, objectiva, com leis naturais e vida propria, quanto ao escopo da relação.

O Estado pelo contrario é uma entidade ficticia, com leis antinaturaes, vida impropria, forçada, efemera.

A lei característica, primordial da sociedade, lei que não pode ser de forma alguma destruída é a liberdade.

Pelo contrario, a lei característica e fundamental do Estado é a opressão, a tirania.

Quando os socialistas querem vencer os incautos da bondade das suas idéas autoritarias, vêm, a semelhança dos espiritas, com a sua força amica, por toda a parte, a influencia benéfica do Estado, esforçando-se por fazer crer que no mundo tudo se produz em virtude dos *incorruptíveis* de putados, senadores e ministros.

Pobre gente! Padece a desgraça de ver invertidas as coisas.

Cada pessoa sensata e de bom juizo, que não tenha cerebro atrofiado por arcaicas preocupações e restos de atavismos, compreenderá facilmente que a sociedade desenvolve-se e progressa fóra do Estado e apesar de todas as trabas juridicas, religiosas e moraes que em todos os tempos quiseram impor-lhe.

A filosofia, a fisica, a arte, a industria e todas as manifestações da actividade humana tem iniciativas proprias, sendo os unicos factores que valorizam e engrandecem a sociedade.

Que tem feito e faz o Estado em beneficio do povo?

Folheae as paginas da historia politica de todos os paizes e encontraréis inúmeras resenhas de crimes sangrentos cometidos por ele contra a humanidade.

A imensa maioria das pessoas, vivem indifferentes ao Estado, importando-lhes bem pouco o que acontece lá encimra nas esferas governamentais e seguramente passariam toda a sua vida sem lembrar-se dele, a não ser porque o seu peso esmagador se faz sentir tão fortemente.

Que utilidade presta então o Estado ao homem? Nenhum.

Trata de harmonizar as relações entre o Capital e o Trabalho?

Protege o debil contra o forte, o pobre contra o rico? De modo algum.

O Estado é simplesmente um parasita, uma fera que devora os frutos da humanidade, protegendo o roubo, legalizando a prostituição, o latifundio, o crime. Sua unica missão na sociedade é servir lacnicamente os capitalistas que exploram vilmente e sem escrúpulos, até ás mais tenras crianças, sempre disposto, com seus flautantes factões, a destripar a todo aquelle em cujo peito palpitem aspirações de liberdade e de justiça.

O seu papel foi sempre o de saqueador que espera o viajante numa encruzilhada e lhe rouba a bolsa ou lhe tira a vida. E' o mais grande traficante da honra, da virtude, o maior inimigo da verdade da ciencia, da familia, da sociedade.

O Estado é a negação do direito e da liberdade.

Os socialistas autoritarios, como os autobusistas, crêm que o Estado é a mesma sociedade. Por isso pensam que o Estado vai resolver o problema social. Pois bem, nós vemos que o problema social se resolverá pela moral, pela ciencia, pelo trabalho, pela industria; e como o Estado não é moral, nem sciencia nem trabalho, nem industria, negamos rotundamente ao Estado a capacidade para resolver esse problema.

Por tanto, os socialistas, ao elevarem o Estado sobre o direito, negam a sociedade.

Galileo Sánchez.

AVISO

A todos os que receberam o nosso jornal e não queiram continuar a receber-lo, ou não pensarem contribuir para a sua manutenção, pedimos que hajam por boa devolve-lo imediatamente, afim de sabermos com quem e com que podemos contar, e para que não seja prejudicada a regularidade da sua publicação, como também os esforços e sacrificios dos que se interessam pela sua vida e engrandecimento.

Todos os que não o devolverem serão considerados como assinantes ou contribuintes.

Que são os governos?

Os governos são verdadeiras quadribas organizadas de ladrões.

E' esta uma nova afirmação? Não: é uma realidade palpavel que passo a demonstrar, ainda que a traços largos. Quando os antepassados da humanidade, para melhor se defenderem dos perigos que os ameaçavam, surgiram os mais usados e valentes para enfrentar o inimigo comum: as feras, sempre prontas para atacar o Entre estes valentes e usados, havia, como ainda hoje ha em nossas agrupações, um que se destacava entre todos, tanto no ataque impetuoso e fito como em uma iniciativa de defesa, rapida e decisiva.

Este, a principio, não usava apellido que o diferenciava dos demais. Mais tarde deu-lhe o nome de chefe, chefe de caçadores, chefe de guerreiros e chefe de guerreiros, nome conservado o título de Chefe até aos momentos de ataque ou de defesa. Depois de velho, quando as forças o abandonavam, ou mesmo em caso de doença, era um outro companheiro o valente como ele, que tomava a iniciativa de nomear o chefe que fosse, se puzesse a frente da Tribu, para a defesa necessaria.

Com o desenvolvimento das faculdades mentaes os ambiciosos tornaram-se patões e valentes, com o fim de viver nas costas dos mais humildes, e o lugar do chefe ou chefe, passou a ser occupado, não já pelos valentes e destemidos, mas pelos mais astutos e manhosos.

Em regra, como tal chefe não tinha prestigio proprio valla-se da alheia, e a ideia de um governo, principiam a rodar o Chefe de umas tantas regalias: já fazendo abastecer sua ocha e o produto do trabalho dos mais humildes, os quais, voluntariamente, lhe levavam a caça, ou a pesca necessaria á sua manutenção,

já arranjando-lhe trajes que o diferenciavam dos demais companheiros da Tribu. Nestas disposições se foram arrastando esses costumes, aprifionando-se continuamente no sentido de prestigiar o Chefe ou Chefe, até que appareceu o Estado, esse Chefe, porém, transposto, que não velhou vaidosamente pelo seu nome, mas pelo bem da Tribu, e por outros predilectos, se instalou em nome de Deus, angelo do Senhor, incutindo nos povos, primitivos e germes da superstição, pois ignorantes já eles o eram.

Rei e sacerdote ao mesmo tempo, este individuo exerceu uma influencia poderosamente maligna na formação dos povos, tornando-os desgraçados e miserraves, roubando-lhes, em seu proveito e no dos seus seguidores, o produto de seu trabalho, para o que confeccionaram um código de leis, cujo texto ainda hoje são a admiração de muitos imbecis, a quem a ignorancia trata de *Doutor e Doutores*.

Este código ou biblia que nós achamos, mais ou menos delineados, os traços característicos do roubo organizado, se bem que ainda em embrião, se pode dizer visto que só mais tarde, com o desenvolvimento da agricultura, é que o roubo tomou os foros de ordem.

E' no Feudalismo que melhor se compreende os intuitos das quadribas chamadas governos. O Rei era uma especie de animal decorativo, um deus invisível, a quem não era dado por a vista em clare e o tocar-lhe com um dedo, era graça só concedida a poucos.

Os trabalhadores da gleba, que eram todos os deserdados daquelles tempos, os seus paes, esses só conhecidos o senhor feudal, que se havia apoderado pelo roubo, mas também dono e senhor das vidas dos seus pobres antepassados, aos quais não diam matar seguindo sua fantasia. O Rei também senhor absoluto, por obra e graça de bem sucedida, depois de uma batida da Santa Expulsião, repartia entre os seus apingunados, não só as terras conquistadas, mas igualmente os desgraçados presenciamos, os quais desde aquelle data ficavam pertencendo ao Senhor, como se fora um objecto ou animaes domesticos. Como fêdisse, tanto o Rei como os Senhores feudaes, arrastavam-se o direito, reconhecido pelo código, de dispor da vida dos seus escravos, a quem haviam roubado, e sujeitavam-nos ás maiores infamias e baixezas. Basta citar um dos muitos usos daquelles tempos, para mostrar quanto possivel os pobres infelizes! Se um escravo não se bem fazia como ele, para faz-lo, era necessario o consentimento do Senhor Feudal. Caso este recusasse, o pobre mancochava lha que se conformar, pois a mais leve queixa era castigada com a forca.

Pelo contrario, se o Senhor consentia, tinha o direito chamado de "Pernada", e tinha o direito de ficar, com a noça a primeira noite, entregando-a, deshonrada, para bem sucedida, depois de uma batida de marido, que a recebia cheio de santo odio contra tão infame uso, calando em seu forte peito, a desejada vingança contra tão nojentia casta! Esta pratica do direito de "pernada", chegou até nós, se bem que modificada, pois outra coisa não se fez, senão dar á casta sacerdotisa, aos padres, sua lraça ou ocauão ou lorgada a marido e mulher: quer dizer, o padre desiste de ficar a primeira noite com nossas mulheres, em troca do dinheiro que nós lho damos.

Isto é bem claro, porém, como tões palavras soam mal aos ouvidos puros dos chamados civilizados de hoje, a casta sacerdotisa doutra a puzila como outras palavras: chama-lhe *Sacrosanto Laço do Matrimónio*, em vez de "Direito da Pernada". Mas, vamos á quadribas!

Vimos que onde o roubo tomou suas verdadeiras proporções, foi no regimen feudal, instituição infame e maligna, cujos componentes, de ladrões que eram de facto, chamaram-se, barões, condes, marqueses e duques, arribados ao origem d'elles, de forçados a serem aliçados pela piebe como seres em parte, vindos dum outro mundo e de uma outra raça.

Desde essas eras remotas, encontramos frente a frente, bem distintos, duas classes de individuos: de um lado os ladrões, do outro os roubados.

Estes, em maior numero, tentaram por diversas vezes, em varias partes da terra, apoderar-se, pela revolta do fardo, a terra, e pô-la em comum, porém, essas revoltas foram sempre afogadas em sangue generoso, sendo levados ao cadafalso os desgraçados que não tomavam no campo da luta.

No entretanto, em 1789, os camponeses e o povo da França, num gesto largo de liberdade, até então nunca visto, lançaram por terra esse nefasto poder agressor, os gritos de "morte ao clero e á aristocracia!" reclamavam "a terra para todos". O caneco, porém, havia criado fúrias rizes e a sua extirpação era demasiada difficil, pelo menos, para aquella época de incivil, pelo menos, da burguezia, nova quadribas de baleamento do mundo não tão apressoras como a aristocracia, mas mais veltozas que ela, porque, sendo os mais activos da vespera, tornaram-se as promessas e os argumentos feitos.

E desde essa data até hoje, a posição continúa a mesma: de um lado os ladrões e do outro os roubados. De um lado a burguezia, herdada do poder, arraçada á aristocracia, do outro nós, os roubados, que somos legião.

Quando tentaramos o ultimo assalto, á quadribas, afim de nos apoderarmos da terra, para a pormos em comum? Não sei, porém, o que causa admiração é como os ladrões têm podido conservar até hoje, o roubo em seu poder, e de lá um usufruto em nome de Deus, e de lá um usufruto. E' o que os leitores saberão, se acompanharem a leitura deste semanario.

M. Impór apreciações pela força é manjar. A lei é a pressão suprema, a opressão legal, o direito do mais forte. — J. Thonar.

Coisas interessantes

Graças a Deus.

Ora, graças a Deus, appareceu o *Avanti*, órgão dos pacifistas, dos calmantes, das panaceas legalitarias e das inquinações politicas entre o operariado.

Mil saudações ao novo paladino do Estado, e á burguezia os nossos sinceros parabens, por contar com mais um colaborador na defesa da exploração e da violencia.

Necropole Socialista

Numa passagem da brilhante conferencia realizada no 1.º de Maio na Lapa, pelo doutor Dr. Demetrio Justo Seabra, o conferenciante, indicado o com indices a cabeça de um velhote gordo, um verdadeiro Sanchão Paço, que se encontrava sentado a seu lado disse com voz embargada pela emoção: *cidadãos, aqui jaz o presidente do Partido socialista.*

Coisas do Século abra.

Pelo Ideal

Nesta emergencia de uma luta na qual se ventilam os destinos de cada individuo, da humanidade presente e das gerações futuras, a luz da nossa causa deve ser como o Sol, deve illuminar a todos em toda a sua plenitude.

A elite intelectual das classes e das castas aristocraticas, empenhada na ingloria tarefa de fazer crer ao povo que os sociaes principios de renovação socialista e anarquista são um conjunto caótico de idéas desordenadas, de utopias e loucuras recentemente germinadas nos cérebros de alguns descontentes e desequilibrados, deve ser posta em ridiculo pela propria resenha dos factos onde essas classes tomaram invariavelmente, contra as reivindicações populares, uma attitude que os filólogos e os filosofos ainda não souberam qualificar.

A luta em prol do bem estar para todos é a verdadeira historia da humanidade.

Não ha guerra que, conte maior numero de combatentes, de victimas e de martires.

O senso comum e com ele o pensamento dos filosofos mais notáveis defendem e propagam a todo transe este principio, que é a base de toda a justiça e de toda a moral.

Ele é o estio de todas as seitas de rebeldes perdidos, porque representa a aspiração colectiva.

O povo judeu, muito antes da duvidosa existencia de Cristo, professava idéas de emancipação. Os profetas de Israel são, segundo Benan, fogosos publicistas dos principios que hoje chamaríamos socialistas e anarquistas.

O cristianismo, no seu primeiro estadio é fortemente impregnado da tendencia popular daquela época, é essencialmente comunista e anarquista.

Por seu intermedio chegam até nós, entre outras, as célebres maximas: *a cada um segundo as suas necessidades e amaris ao proximo como a ti mesmo.*

Varios apostolos são predecessores de Proudhon.

S. Paulo diz que o rico é um parasita; que o individuo que não trabalha não deve comer.

S. Jeronimo declara que a opulencia é o produto do roubo.

Segundo São Clemente, a propriedade privada é filha da iniquidade.

No ano 374 o filósofo Manes foi esfolado vivo por propar a igualdade. Os seus discipulos foram perseguidos. Não reconheciam nenhuma autoridade civil ou religiosa.

Na Italia os Irmãos e Irmans do Livre Espirito combatem a propriedade a autoridade, assaltando as casas dos ricos e destruindo os titulos de propriedade.

Na Inglaterra os padres João Wicliff e João Ball tomam parte saliente nas agitações comunistas. Pouco depois ebenta a revolução dos Lladres. Mais de cem mil proletarios tomaram parte neste grandioso movimento, queimando os castelos e assaltando a propriedade.

Em 1498, o doutor Tomás Munzer sofre martirios e perseguições por lutar pelos oprimidos. Afirma que todos os senhores são uns bandidos, inimigos do povo, aos quaes é preciso estrangular o mais depressa possivel.

Os trabalhadores aderentes ás sociedades de resistencia consideram os indifferentes como membros mortos da sociedade.

Jacquet e Hoffman põem-se em destaque pela sua actividade nas rebeliões dos proletarios contra os patrões e são queimados vivos pelas ordas da burguezia.

Munzer é torturado barbaramente e decapitado, depois de ter, com os seus companheiros, feito um excelente ensaio comunista em Mulhausen.

Sección Española

Os camponeses (anabaptistas) con-

tinham a rebelar-se contra a explo-

ração desmedida e a tirania implacável

dos señores e, uma vez vencidos, são

com os milhares, afogados, queimados ou

decaídos.

Na Inglaterra produz-se uma nova

rebelião comunista-anarquista, que é a

tenência geral da época.

(Os rebeldes Winstanley e Everrd

são perseguidos e encarcerados.

E' preciso, dizem, abolir os ricos e

suprimir a moeda.

O cura e grande filósofo Meslier,

que morreu de fome e de indignação

ante as iniquidades sociais, gritou «que

todos os grandes da terra e os nobres

se vejam encarcerados».

«Ricos, frades, padres, gente da po-

lícia, são uns miseráveis. E' neces-

ário rebelar-se».

Rousseau não vacila em afirmar que

todos os ricos são ladrões».

Com os novos conhecimentos histo-

Vivan las caenas!

Estamos de enhorabuena. La Rebelión

ha alcanzado un grado de popularidad

que nunca hubieramos soñado.

El «Diario Español» nos ha hecho

una hermosa propaganda, publican-

do las torpes protestas de cuatro

individuos de la colonia española, que

gritan desafortunadamente porque re-

claman nuestro periódico a domicilio,

declamando que no quieren ser anar-

quistas.

La cosa, claro está, no merece ser

tomada muy en serio, visto la capaci-

dad, el modo de escribir y lo que ma-

nifiestan esos cuatro pobres diablos,

dignos de ser explotados y vejados a

cada paso por su propia ignorancia.

Creíamos que se había desvanecido

la concepción terrorífica del anarquis-

mo. Venos que subsiste y está aun

bastante arraigada. No es extraño. Es

un ideal demasiado grande y hermoso,

para que pueda ser comprendido por

Decir que el rey de España es un

degenerado, es alentar contra la in-

tegridad y el buen nombre de la patria.

Oh, no digas nunca que Alfonso

XIII es el representante de una dinas-

tía sifilitica y podrida. No digas que

Ferrer fué miserablemente asesinado en

los fosos de Monjuich. No menciónes

los fusilados del acorazado «Numan-

cia», los sucesos de Cullera, el paupe-

risimo, la miseria... Callad los crímenes

que en España constituyen la norma

de conducta de sus gobernantes, las

repressiones, el encarcelamiento de obre-

ros...

«Mi trovavo in uno di quei momen-

ti psicologici in cui la persona invasa

da profonda e indubitable melancolia dá

a tutto il nostro essere quella stanchezza

inecurabile di ogni cosa più cara

della vitalesca... Camminavo lentamente

mentre il mio pensiero vagava nei campi

infiniti e tetri delle umane miserie, delle

viti e periodiche ingiustizie e delle innume-

brutture e bassezze di questo vecchio e

Decid que España es una matrona

augusta, bizcrra, pandomorosa... Afir-

mad a los cuatro vientos que España

es una especie de faja ó de Eldorado,

donde todos viven muy a gusto,

donde no se mata ni se persigue por

el solo hecho de pensar un poco alto

y ser algo hombre.

Si os atrevéis, en vuestra osadía, a

representar dramas que son el fiel re-

flejo de la verdad, los representantes en

el Brasil de la noble España pueden

darnos un gran disgusto delatándonos a

la policía como difamadores.

Felicitemos al digno vice-consul sr.

Troncoso, que tan bien cumple su mis-

ion, haciéndose solidario del asesinado

cometido por Laura.

A questa mia domanda mi guardo sor-

ridendo e mi rispose: — Oh, bella con

intenda per morale? Il rispetto alle leggi e ai costumi della

società.

— E queste leggi, questi costumi —

chiesi — sono eterni o cambiano con i

tempi? — Cambiano — rispose.

— Quindi — ripresi io — se cambia-

no può avvenire (come spesso è avve-

nuto) che quello che è morale oggi può

essere immorale fra cinquanta anni e vi-

ceversa: e da ciò si può affermare che

la morale non è altro che una conven-

zionale, fittizia ed inutile e forse nociva

alla completa e libera esplicazione

umana... — Cioché — interruppe la padrona

di casa — lei sarebbe amoralista?

— No — risposi — non sono amoralis-

ta, sono nemico dell'odierna morale um-

ana, la quale dichiarerei morale tutto

quanto è veramente utile all'individuo e

a tutti ed immorale quello che è disuti-

le a l'uno e agli altri!

— In conclusione, — disse la bruna

dagli occhi di fuoco — ritornando all'ap-

Sezione Italiana

Giustizia e Morale

dei propri pregiudizi, delle proprie pas-

sioni, si sarà già formati un precon-

ceito. Ora, dato che questo precon-

ceito sia esagerazione contro il delitto, o l'imputa-

to al primo vederlo gli faccia una cattiva

impressione; tutta l'istruttoria del

processo, anche se gli cercherà d'essere

spassionato, sarà subordinata a quel pre-

concetto e a quella impressione, e se an-

che l'imputato sarà innocente in essa

sembrerà reo. mentre se l'impressione

sarà favorevole, se anche da tutto resul-

tasse la sua colpeabilità, nella stessa istr-

truttoria apparirà innocente... — Tutto questo è esattamente vero!

— interruppe la piccola e graziosa ve-

diuina.

— Ora — continuai — il presidente, i

giudici, il procuratore del re, i giurati,

quando i processi si svolgono in corte di

Assise, tutti insomma siamo sottoposti

Apêlo

Todos os companheiros que quize-

ram fazer alguma coisa em beneficio

da propaganda podem fazê-lo, nas pro-

prias localidades onde se encon-

tram, reunindo-se e indicando uma

camarada que desempenhe o cargo

de agente administrativo deste

jornal, e um correspondente que

procure enviar-nos informações de

todos os factos importantes relati-

vos ás condições em que se en-

contra o elemento operario, como

por exemplo o salario, a jornada

Por la patria

RECLAMACION CONSULAR.

D. Secundino Troncoso, vice-

consul español en esta ciudad, reclamó

a la policía impidiendo la

representación del drama «O Mar-

tyr de Monjuich», que se pretendía

Que cada qual faça o que é es-

tá alcançado este objectivo.

Camaradas: mãos á obra — sem

La noticia no merece comentarios.

Decir la verdad, es un delito. Re-

presentar un drama donde aparecen

Congreso Anarquista Internacional

O Centro Libertario está distribuyendo a

seguinte Circular:

CAMARADA:

Tres federaciones anarquistas regionales

a nivel, a francesa e a de Londres — con-

vocaron un novo congresso comunista inter-

national, que deverá reunir-se em Londres,

de 29 de agosto a 6 de setembro proximo.

A circular convocatoria, depois de mos-

trar a necessidade deste congresso, para

discutir questões urgentes e palpitantes,

que surgiram em tomaram vulto após o

